

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda São Geraldo**

código  
AVI – FO4 – TM

localização  
**Estrada de Barra Alegre (RJ-146)**

município  
**Trajano de Moraes**

época de construção  
**segunda metade do século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**fazenda de gado/ fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



fonte: IBGE - Trajano Moraes



Fazenda São Geraldo, casa-sede

coordenador / data **Valentim Tavares – jun 2010**  
equipe **Valentim Tavares, Priscila Oliveira e Margareth Dias**  
histórico **Roberto Grey**

revisão / data  
**Thalita Fonseca – jul 2010**



situação



ambiência

O acesso à Fazenda São Geraldo se faz pela Estrada de Barra Alegre (RJ-146). Partindo do centro de Trajano de Moraes, percorre-se 22 km, passando por Visconde de Imbé, indo até a saída à direita, no km 40 da rodovia, seguindo então por mais 5,5 km em um caminho sem pavimentação. Logo na chegada, descendo o vale, avista-se todo o conjunto da fazenda (f01).

Uma aleia de palmeiras imperiais (f02) leva a uma rua transversal, margeada por um muro de pedra (f03) que cerca o pátio gramado repleto de paineiras, o qual se liga ao muro do curral e antecede o casarão.



01



03



02

Junto ao muro ainda se encontram ruínas de uma das duas construções (f04) que existiam nas laterais do portão – conforme é possível observar em imagens antigas (f05 e f06) –, demolidas por proprietários anteriores, e onde se localizavam um armazém e uma senzala.

Em frente à aleia, um largo portão de ferro dá acesso ao pátio gramado frontal (f07) e, a partir dele, se tem uma bela visão do casarão, com sua cobertura aparentando quatro águas – mas recortada em seis – em telhas do tipo capa e canal. Implantado numa posição central, em um aclive que se acentua para o lado esquerdo (f08), sua arquitetura se destaca sobre o fundo verde da paisagem. No eixo da fachada principal, observa-se registrada em uma placa a data da construção da edificação: 1867 (f09).

À direita do casarão, um pouco afastada do mesmo, encontra-se uma pequena capela (f10) e, mais adiante, a senzala remanescente (f11), com portas voltadas para a área gramada, além de uma cocheira (f12) de construção recente.

Em frente à casa-sede, foram instalados pelos proprietários anteriores uma piscina e churrasqueira coberta. Seguindo na lateral esquerda, estão o curral (f13), os cercados para separação do gado, a balança e o tronco, construídos no perímetro definido por um muro de pedra (f14).



04



05



06



07



08



09



10



12



11



13



14

Neste local teria sido o terreiro de secagem do café (f15, ver f05).

Externamente ao muro, num nível mais elevado, uma cobertura serve como oficina.

Além desse muro, seguindo a rua em frente, observam-se ainda o secador de grãos (f16) e um moinho desativado.

No lado oposto da rua, junto à cerca do pasto, está uma cobertura de duas águas que serve como estacionamento de máquinas agrícolas.

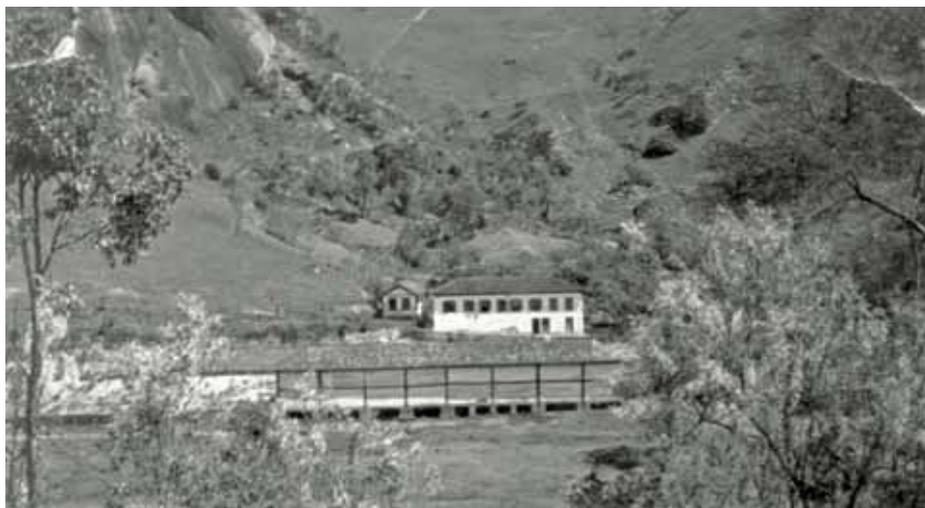
Em frente à oficina, um caminho leva aos pastos no alto do morro, à esquerda, e logo atrás da sede, na primeira curva, avista-se uma construção mais recente, onde reside o administrador da fazenda.

Atrás do casarão, há um pátio, pavimentado com paralelepípedos pelas atuais proprietárias (f17), e situado em um nível intermediário entre o piso do pavimento superior e o porão, interligados através de escada.

Ao lado desta, encontra-se um muro de contenção em pedra (f18).

No passado, a chegada à fazenda era feita através desse pátio, uma vez que a única estrada que servia à região passava entre os dois morros ao fundo e era voltada para essa fachada. No pátio, duas escadas em pedra conduziam ao interior da sede. Posteriormente, esse acesso principal passou a ser feito por uma escada a partir do porão, na fachada oposta, alteração motivada pela abertura da nova estrada, forçando a reversão de acessos, situação que perdura até hoje.

Na lateral esquerda, por detrás da casa, alinhado com o pátio, existe um platô em nível mais elevado, onde se encontram uma pequena lavanderia (f19) e um silo (f20). Nesse local, havia outra construção, com telhado de duas águas e uso desconhecido, que muito provavelmente poderia ser uma cozinha, na típica ocupação de proximidade separada do corpo principal (f21).



15



16



17



18



19



20



21

A casa-sede da Fazenda São Geraldo, de planta retangular, possui um pavimento habitável sobre um porão alto, que era usado como depósito para a guarda de sal. O depósito ocupava apenas a metade da área da planta, devido à redução do pé direito em função do acive do terreno.

As fachadas principal e laterais preservam a simetria e o ritmo regular originais dos vãos no pavimento superior (f22). O mesmo não se pode afirmar do pavimento inferior (f23) e do superior aos fundos (f24 e f25), onde foram abertas esquadrias em modificações internas posteriores, que, além de não se integrarem às demais, rompem a simetria e o ritmo observados.

Externamente, todas as paredes da casa foram pintadas numa tonalidade rosada. As janelas duplas de madeira, com guilhotinas internas e venezianas externas, foram pintadas em branco e verde-colonial, respectivamente (f26). As esquadrias utilizadas no porão são iguais às utilizadas no acréscimo feito para a cozinha e a copa (f27), pintadas da mesma forma e colocadas posteriormente em substituição às portas de duas folhas (f28), das quais somente uma foi mantida. O embasamento de pedra rebocada é pintado de branco, assim como os quatro cunhais do edifício.



22



23



24



25



26



27



28

Estes últimos são bem marcados, destacando-se do corpo da casa pela diferença de relevo, com frisos de arremate como capitéis (f29). Tais frisos possuem desenho harmonizado com o coroamento das alvenarias, também branco, que reveste o topo das paredes, integrando-se assim aos beirais, cujo revestimento oculta o madeiramento estrutural da cobertura, deixando perceber somente as pontas das telhas (f30).

Uma escada de madeira liga o porão ao pavimento superior (f31), e chega a um pequeno *hall* que distribui para uma sala de estar (f32), à direita, na quina frontal da casa, e, à esquerda, para uma sala de jantar (f33). Acredita-se que esses dois cômodos formavam um único e grande ambiente, pelo fato da escada ser um acréscimo posterior, e pela janela da sala de estar se apresentar colada à parede da escada.

Na parte de trás estão o escritório (f34), com uma janela voltada para os fundos e outra para a fachada lateral; um segundo *hall* (f35), que faz a circulação para um banheiro (f36) e um quarto de dormir, ambos com as janelas voltadas para a área posterior da casa. Destes ambientes – o escritório, o banheiro e o *hall* – também se supõe o desenho original de um único cômodo.

Na parte frontal da casa-sede, à esquerda, estão três quartos e um banheiro cujo acesso é feito por um mesmo *hall* (f37). Foi relatado que a ruptura dos barrotes, ocorrida durante a gestão anterior do imóvel, determinou o desmoronamento do assoalho e das paredes deste trecho da edificação. Desse modo, surgiu a oportunidade de alterações para atualização de seu uso. A recuperação estrutural foi realizada com vigas metálicas sob os barrotes de madeira, possíveis de serem observadas no porão baixo.

A edificação, em sua fachada posterior, também aparenta modificações que se evidenciam pelo prolongamento de uma das águas do telhado (f38), em específico a que cobre a cozinha e a saleta, resultando internamente em um teto inclinado, cuja terça do beiral repousa diretamente sobre os vãos das janelas (f39).



29



30



31



32



33



34



35



36



37



38



39

A estreita circulação (f40) que dá acesso a cozinha, copa, dois depósitos e *hall* dos quartos da frente termina em um banheiro – essa circulação parece ter sido uma varanda originalmente.

O porão da sede foi completamente alterado para abrigar uma grande sala de estar (f41), com uma porta voltada para a fachada principal, um quarto (f42) orientado para os fundos e um banheiro (f43). Na sala, encontra-se a escada de madeira que acessa o pavimento superior.

Uma pequena área aos fundos, no lado direito do porão, foi destinada a abrigar uma varanda aberta (f44), cujo acesso à sala de estar se efetua através de uma porta de abrir de folha dupla em madeira e vidro. O quarto e o banheiro apresentam desnível de cerca de 30 cm acima da sala, enquanto a varanda se encontra no mesmo nível desta, porém separada por dois degraus a fim de evitar alagamento (f45).

O piso, originalmente de grandes placas de pedra, foi substituído por cerâmica, restando do primeiro revestimento somente os degraus de acesso e uma pequena área junto à porta, arrematada com frisos cerâmicos decorados (f46). No teto, estão preservados os barrotes do assoalho do pavimento superior, pintados em preto, e os pilares em pedra onde estes se apoiam (f47). As paredes de pau a pique são pintadas internamente na cor branca.

Existem pinturas murais na porção inferior de uma das paredes do *hall* anteriormente citado (f48) e na parte inferior das paredes do escritório (ver f34 e f35). Essas pinturas foram descobertas durante a última reforma e parecem ter sido feitas em data posterior à construção do edifício.

A edificação da senzala apresenta telhado de quatro águas em telha capa e canal, sem forro, e paredes de pau a pique pintadas de branco, com esteios de madeira aparentes (f49 e f50). O embasamento é feito de pedra (f51 e ver f11).



40



41



42



43



44



45



46



47



48



49



50



51

Essa edificação também foi recentemente reformada pelas atuais proprietárias: parte dela foi modificada para servir como alojamento de operários temporários – quando há algum serviço de reforma na casa, devido à distância desta da cidade. Os outros ambientes servem como depósito (f52) e todo o piso é em tábuas corridas.

A pequena edificação destinada à capela tem telhado de duas águas com telhas capa e canal (f53). A empena frontal se eleva acima das águas do telhado, formando um frontão singelo, protegido por uma fiada de telhas (f54). A alvenaria, devido à sua generosa espessura, parece ser de taipa. As paredes foram pintadas externamente na mesma tonalidade rosada da casa, e possuem arestas e cantos bem marcados por faixas em alto-relevo em massa, pintadas em branco.

As esquadrias são de madeira, pintadas em verde-colonial: as janelas, de folha única cega, de abrir; a porta, com uma bandeira fixa de vidro em arco pleno, com frisos radiais em madeira. O piso é de ladrilho hidráulico cinza com uma faixa central vermelha e bordas decoradas, simulando um tapete (f55). Internamente, a pintura das paredes é branca e há um forro em lambris de madeira aparente, acompanhando a inclinação do telhado.

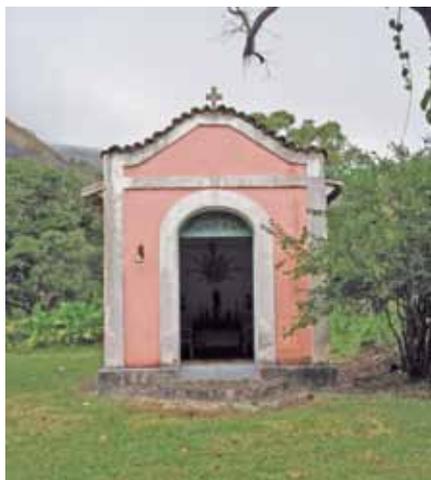
A data de construção da capela é desconhecida, embora se saiba que edificações religiosas particulares costumavam receber benfeitorias quando uma “graça era alcançada”. Uma intervenção foi feita em março de 2010, quando uma paineira próxima caiu sobre a capela, destruindo o telhado e parte das paredes, que tiveram que ser recuperados.



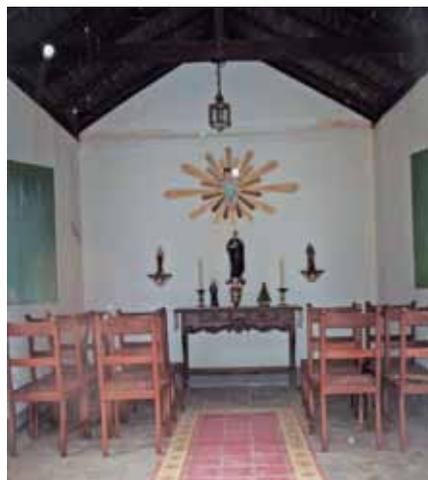
52



53



54



55

Apesar das sucessivas reformas, o edifício da sede vem sendo bastante danificado pela umidade. A água, que sobe por capilaridade do solo encharcado no sopé do morro, atravessa as fundações provocando o aparecimento de fungos, que favorecem o apodrecimento do revestimento do embasamento (f56, f57 e f58). Tal patologia é percebida de forma generalizada, afetando inclusive a base das portas e portais (f59) do porão. Reparos ocasionais vêm sendo feitos nestes locais.

As águas que descem pelas telhas quebradas ou deslocadas pelos ventos vêm danificando sistematicamente a cimalha (f60) e os roda-tetos (f61).



56



57



58



59



60



61

Inclui-se as paredes, que apresentam estufamento e, até mesmo, desprendimento do reboco (f62). O forro de madeira sofre ação da dilatação pelas mudanças de temperatura, que acaba por provocar fendas, como os forros da cozinha e da saleta que apresentam trincas na pintura (f63). Nos locais onde há acúmulo de água, seja por infiltração do telhado ou por falta de estanqueidade das esquadrias, são observadas manchas e perda de coloração do assoalho (f64). Algumas esquadrias, principalmente as mais recentes, estão bastante danificadas (f65). Existem, ainda, ocorrências de trincas nas paredes sobre as janelas, motivadas pela ausência de vergas (f66), nas quinas dos cômodos, por falta de amarração das paredes (f67), e nos locais onde a planta original sofreu modificações. O calçamento existente na frente e na lateral direita foi reformado pelos proprietários anteriores com blocos de pedra retangulares serrados, uniformemente assentados, o qual foi substituído (f68) pelas atuais proprietárias por outro calçamento executado com peças de pedra irregulares (f69). A capela também padece com as infiltrações do telhado. Externamente, a pintura tem manchas que denunciam os locais onde existem telhas quebradas (f70). Na base das paredes, o reboco está apodrecido. A água acumula-se nas peças estruturais de madeira embutidas nas paredes, ocasionando manchas na pintura (f71). Os lambris do forro já mostram sinais de deterioração. O moinho, atualmente desativado, tornou-se depósito de utensílios fora de uso (f72). O equipamento foi desmontado, e nas paredes e forro a estrutura de pau a pique está aparente (f73). A madeira da porta e da janela está sem pintura, em estado inicial de deterioração (f74).



62



63



64



65



66



67



68



69



70



71



72

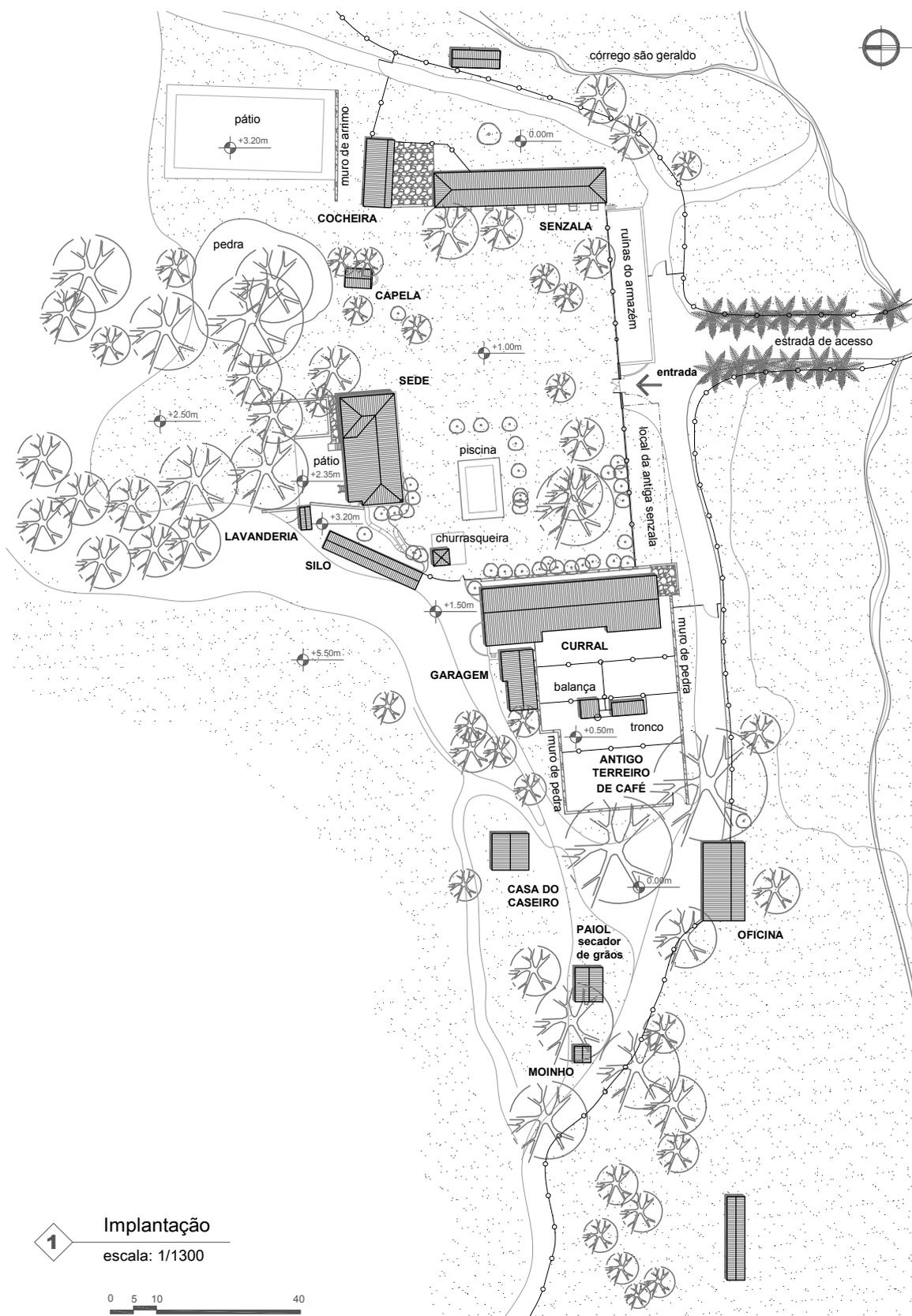


73



74

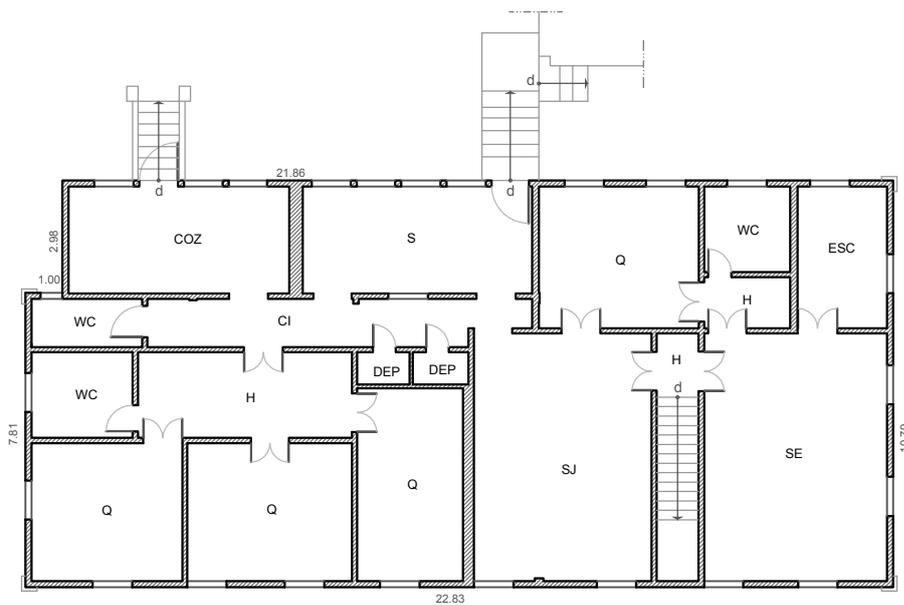
# FAZENDA SÃO GERALDO



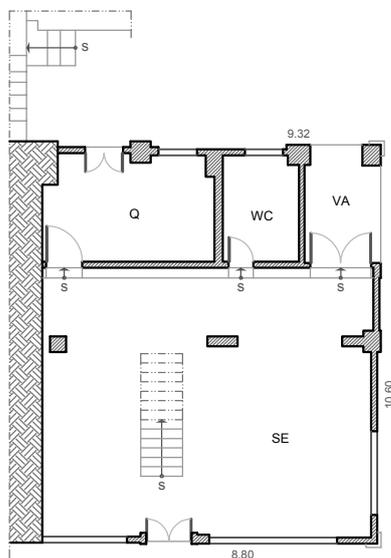
1 Implantação  
escala: 1/1300



**FAZENDA SÃO GERALDO**



**2** Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento  
escala: 1/200



**1** Planta Baixa da Sede - Porão  
escala: 1/200



CI - circulação	DEP - depósito	Q - quarto	SJ - sala de jantar	VA - varanda	alvenaria existente
COZ - cozinha	H - hall	SE - sala de estar	S - saleta	WC - banheiro	alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AVI - F04 - TM

**2/3**

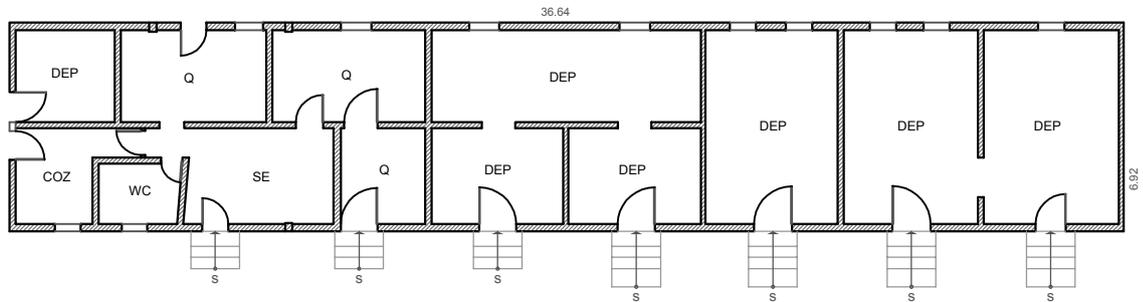
equipe:  
Valentim Tavares / Margareth Dias / Priscila Oliveira

desenhista:  
Margareth Dias

revisão:  
Francyla Bousquet

data:  
jul 2010

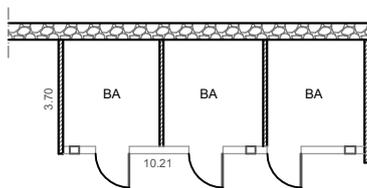
**FAZENDA SÃO GERALDO**



1

**Planta Baixa da Senzala**

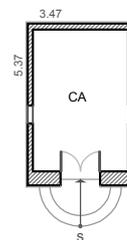
escala: 1/250



2

**Planta Baixa - Cocheira**

escala: 1/250



3

**Planta Baixa da Capela**

escala: 1/250



BA - baia      COZ - cozinha      Q - quarto      WC - banheiro  
CA - capela      DEP - depósito      SE - sala de estar

alvenaria existente  
 alvenaria demolida

Uma das 16 fazendas do coronel Alfredo Lopes Martins, neto de João Antônio de Moraes, o barão de Duas Barras, a Fazenda São Geraldo, que fica a pouco mais de quinhentos metros de altitude, fazia divisa por quase todos os lados com as fazendas de Santa Maria do Rio Grande, São João do Rio Grande e São Lourenço, todas do barão, seu avô.

Grande produtora de café, segundo atestavam seu grande terreiro e os enormes armazéns de pé direito alto que o cercavam, infelizmente derrubados, São Geraldo coube por herança ao capitão Alfredo Torres Martins, nascido em 1888 e filho do coronel Alfredo, com Paula Vieira Torres, que ficou conhecido como “Capitão Alfredinho”.

Além de algumas benfeitorias, a fazenda contava com uma boa sede assobradada de seis quartos, duas salas, uma varanda coberta, talvez uma senzala no térreo e uma grande casa de venda afastada da casa de morada, que trazia abaixo da cimalha a data de sua construção, 1867.

Possuía energia própria, gerada por uma roda Pelton tocada pelo Córrego São Geraldo, acoplada a um dínamo de corrente contínua. Ao cair da noite, as primeiras lâmpadas acesas eram razoavelmente claras, mas, à medida que a quantidade delas aumentava, a claridade das mesmas diminuía até que seus filamentos avermelhados desprendessem uma luz amarela anêmica, que não conseguia competir com os lampiões de querosene convenientemente espalhados pela casa.

Havia também uma linha de telefone particular que ia até a localidade de Barra dos Passos e depois seguia até a Fazenda da Olaria, na época do coronel Alfredo e do capitão Alfredinho. Esta linha deixou de existir no final de década de 1930. Posteriormente, o novo proprietário, Dr. Grey, estendeu uma linha até Santa Maria do Rio Grande, seguindo até a fazenda São João do Rio Grande, de Edmond Rouvière, que se associou a ele para levar a linha até a companhia telefônica em Cordeiro.

Num local pedregoso denominado Buracada, viam-se duas cavernas numa grande face de pedra. A menor, chamada Cova do Índio, tinha o chão coberto de ossos, alguns ainda articulados e com os tendões preservados, e também muitos cacos de cerâmica sem adornos. Tratava-se de uma sepultura coletiva, conforme análises da antropóloga Heloísa Torres, do Museu Nacional, feitas no início de 1940, pertencente aos antigos habitantes índios, provavelmente da tribo dos Coroados. A caverna maior continha raros ossos e mais restos de cerâmica.

Outra curiosidade da São Geraldo era seu fantasma próprio, o “Caetaninho”, que, segundo dizia a lenda, era a alma penada de um escravo morto por castigos do dono. Sua sombra não tinha paradeiro entre os becos e cômodos escuros da fazenda.

Em 1940, o capitão Alfredo Lopes Martins vendeu a fazenda, de 240 alqueires, para o Dr. Jorge de Moraes Grey, bisneto do barão de Duas Barras, e filho único de Brasília Ferreira de Moraes Grey, que havia comprado as partes dos demais 13 herdeiros da vizinha fazenda de Santa Maria do Rio Grande, tornando-se sua única proprietária.

Nesta época, pouco restava da cultura de café. A atividade principal da fazenda se tornara a pecuária leiteira e a criação de muare, muito valorizados na época como animais de sela e transporte, em decorrência do péssimo estado das estradas. São Geraldo chegou a ter 300 e poucas éguas de cria e alguns jumentos de boa raça. O leite desnatado de suas vacas leiteiras da raça Normanda e Jersey era todo destinado às éguas em gestação, enquanto o creme ia, em lombo de burro, até a Cooperativa de Visconde de Imbé.

Após a morte do Dr. Jorge de Moraes Grey, no final de 1970, a Fazenda São Geraldo coube em partilha à sua mulher, Clotilde Veiga de Moraes Grey, filha do ex-presidente do Estado, Raul de Moraes Veiga, que a vendeu a Devair de Souza, agricultor em Bom Jardim. Pouco depois, este a negociou com a Álamo Agro-Pecuária, empresa agrícola de uma firma de engenharia do Rio, composta pelos engenheiros Alexandre Weinberg e Osvaldo Matias, que, apesar de restaurarem a sede e fazerem grandes investimentos na fazenda, resolveram vendê-la.

Em 2004, foi fechado negócio com Rita Ferreira Soares e Aparecida Botelho, sócias paritárias e atuais proprietárias da São Geraldo, que reformaram a sede, recompraram uma área desmembrada da fazenda ainda no tempo do Dr. Grey e investiram na pecuária leiteira e criação de vacas puro sangue Jersey, além de explorarem a pecuária de corte nos seus pastos, ocupados antigamente pelo “exército verde” do café.

#### **Bibliografia:**

RAMOS, Lécio Augusto. *A História de São Sebastião do Alto 1786-1991, A Mesopotâmia Fluminense*. editado pela Prefeitura de São Sebastião do Alto, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História de Família: Casamentos, Alianças e Fortunas*. Léo Christiano Editorial, 2008.

Genealogia Fluminense, Cantagalo, no Google.

Livros de registro Paroquial de Terras de 1855-56 do Município de Cantagallo no Arquivo Estadual (internet);

Entrevista com Sr. Bento Luís Lisboa.